

Kant e Gerard sobre imaginação

[Kant and Gerard on imagination]

Joãosinho Beckenkamp*

Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, MG, Brasil)

Alexander Gerard é um destes autores famosos em sua época, mas posteriormente esquecidos quase que totalmente. Não fossem as menções que Kant faz dele em suas lições de antropologia, decerto não teria ocorrido a ninguém investigar uma possível relação da filosofia transcendental kantiana com este escocês aliado aos detratores de Hume. Motivados por estas menções, abaixo analisadas, alguns estudiosos de Kant se aventuraram, entretanto, a investigar o ponto. O que uma leitura mais atenta a este aspecto das influências sofridas por Kant indica é que Gerard forneceu elementos importantes para a concepção kantiana de dois tópicos decisivos, a saber, o da imaginação produtiva e o da relação da imaginação com o entendimento e o juízo.

A contribuição de Gerard para a concepção kantiana de uma imaginação produtiva é o objeto deste artigo. Quanto ao segundo tópico, reservo para outra ocasião uma exposição mais detalhada. O que se pode antecipar é que Gerard forneceu a estrutura básica daquilo que em Kant constitui o jogo livre das faculdades, envolvendo, como bem conhecido, a imaginação, o entendimento e a faculdade do juízo. Não se encontra nos textos de Kant referência que indique uma leitura do ensaio de Gerard sobre o gosto, no qual, como usual na época, a tônica recai sobre o juízo ou a faculdade do juízo. Mas não é preciso que Kant tenha lido esta obra, pois o essencial da concepção do juízo em Gerard se encontra também em seu ensaio sobre o gênio, cuja leitura por parte de Kant está documentada, como veremos a seguir. É no ensaio sobre o gênio que Gerard desenvolve sua concepção de uma relação dinâmica entre imaginação e juízo na atividade criativa do gênio.

A leitura do livro de Gerard sobre o gênio está documentada em observações de Kant no contexto de suas lições sobre antropologia, particularmente dos anos 1770. No *corpus* kantiano, a primeira observação se encontra nas reflexões sobre antropologia, estabelecendo

* E-mail: jbeckenkamp@ufmg.br; jobeqk@gmail.com

uma relação com a teoria do gênio de Gerard. Este tinha publicado em 1774 seu *An Essay on Genius*, que foi traduzido imediatamente para o alemão por Christian Garve e lançado como *Versuch über das Genie* já em 1776. Na reflexão 949, segundo a datação de Adickes pertencente à fase φ , ou seja, entre 1776 e 1778, Kant menciona Gerard, ainda que de forma distorcida: “Gênio não é, como quer Gerard, uma força particular da alma (pois então teria um objeto determinado), mas um princípio da vivificação de todas as outras forças através de ideias dos objetos que se quer.” (Refl 949, AA 15: 420-21). Isto não corresponde exatamente à concepção que Gerard tem de gênio, para o qual a força por trás do gênio é a imaginação, não sendo o gênio uma força particular. Adickes já acrescentou material corretivo numa longa nota editorial à reflexão 949, trazendo extratos da *Menschenkunde* de Starke (a reprodução de uma cópia dos apontamentos de aluno das lições de antropologia, publicada em 1831) que mostram que Kant de fato conhecia bem a estreita relação que Gerard estabelece entre gênio e imaginação, ainda que não talvez na época da redação da reflexão 949. Adickes não menciona, entretanto, a provável fonte do mal-entendido expresso nesta reflexão, a saber, a obra *Philosophische Versuche über die menschliche Natur*, de Tetens, publicada em 1777, na qual a concepção de gênio desenvolvida por Gerard leva à introdução, ao lado da percepção e da imaginação, de uma terceira faculdade da força de representar, a saber, a faculdade poética ou de composição (*Dichtungsvermögen*):

A alma não só pode colocar e ordenar suas representações como o supervisor de uma galeria ordena as imagens, mas ela mesma é pintora e inventa e executa novas pinturas. // Estas funções pertencem à faculdade poética, uma força criativa cuja esfera de atuação parece ter uma extensão maior do que em geral lhe é concedida. Ela é a fantasia ativa por si mesma, o gênio segundo o sr. Gerard. (Tetens, 1777, p. 107.)¹

É bem possível que Kant tenha tomado notícia do ensaio de Gerard sobre o gênio através do livro de Tetens, antes de estudá-lo pessoalmente.

Para se poder dizer algo mais exato sobre a recepção do conceito de gênio de Gerard por parte de Kant é preciso lançar mão das transcrições de suas lições por alunos, pois ali se encontra de fato uma apreciação mais positiva da contribuição de Gerard. Assim, de acordo com uma destas transcrições, Kant teria dito: “Gerard, um inglês,

¹ A associação com Gerard é reforçada ainda um pouco adiante: “O sr. Gerard, o agudo observador do gênio – e para ele o gênio é a faculdade que aqui é chamada de força poética formadora – porventura indicou da maneira mais completa as regras particulares segundo as quais são feitas novas associações de ideias pela força poética.” (Tetens, 1777, p. 119).

escreveu sobre o gênio e fez as melhores observações sobre isto, mesmo que o assunto apareça também em outros escritores.” (*V-Anth/Mensch*, AA 25: 1055). Apesar de esta apreciação positiva de Gerard já ter sido incluída por Adickes no volume 15 da edição da academia, portanto já em 1913, ela ficou praticamente sem ressonância na literatura kantiana. Uma das poucas exceções é Paul Menzer, que em 1952 se manifestava em seu texto *Kants Ästhetik in ihrer Entwicklung* no sentido de que não é possível entender o desenvolvimento da concepção kantiana de gênio sem a devida relação com o ensaio de Gerard sobre o gênio. Só bem mais tarde, entretanto, esta relação conheceu um estudo mais detalhado, com o artigo “Kant e Gerard” de Piero Giordanetti, publicado em 1991.

O papel de Gerard no desenvolvimento da filosofia kantiana não tem sido, portanto, considerado com a merecida atenção, sendo de concordar com o que Paul Guyer pôde dizer a respeito ainda em 2011: “The name of Alexander Gerard (1728–95) has not figured prominently in discussions of the influences on and targets of Kant’s aesthetics.” (Guyer, 2011, p. 59). Aliás, em seu artigo Guyer vai além da relação de Kant com a concepção de gênio em Gerard, já explorada por Menzer e Giordanetti, e se esforça por mostrar que a concepção kantiana de gosto foi igualmente influenciada por Gerard, neste caso por *An Essay on Taste*, originalmente publicado em 1759, com edição em alemão no ano de 1766 sob o título *Versuch über den Geschmack*, na tradução do historiador de literatura Karl Friedrich Flögel. Se Guyer foi bem-sucedido neste seu intento, poderia ser discutido; importante mesmo é que veio a contribuir para chamar a atenção para a necessidade de considerar Gerard em geral quando se trata de investigar o desenvolvimento da filosofia de Kant.

Com relação à influência de Gerard sobre Kant na concepção de gênio, portanto, a pesquisa parece finalmente ter começado. Infelizmente, não se pode dizer o mesmo em relação ao tópico que nos ocupa aqui, a saber, a teoria da imaginação produtiva, inclusive de sua função no conhecimento de objetos da experiência, uma construção teórica surpreendente à primeira vista, mas igualmente central na filosofia transcendental de Kant. A relação é documentada pela terceira observação sobre Gerard registrada no contexto das lições de Kant sobre antropologia. Ainda que seja feita em associação com a noção de gênio, uma consideração mais atenta do contexto permite levantar a hipótese de uma influência mais profunda. Na observação em questão, Kant relaciona expressamente sua noção de imaginação produtiva com o nome de Gerard:

Gerard, um inglês, diz que a maior propriedade do gênio é a imaginação produtiva; pois o gênio se distingue particularmente do espírito de imitação, a ponto de se acreditar que o espírito de imitação é a maior incapacidade de se aproximar do gênio. O gênio se funda, portanto, não na imaginação reprodutiva, mas na imaginação produtiva, e numa imaginação fértil '*fruchtbare*' na produção das representações fornece ao gênio muito material para escolher. (*V-Anth/Mensch*, AA 25: 945)

Prima facie se trata aqui naturalmente de originalidade ou imitação na produção de obras de arte, sendo que a originalidade pressupõe uma imaginação produtiva, enquanto a imitação se limita à imaginação reprodutiva. Mas a menção de Gerard em relação ao conceito de imaginação produtiva nos deveria levar um passo adiante e a colocar a questão se e em que medida Gerard efetivamente pode ter contribuído para que Kant finalmente chegasse à concepção de uma imaginação produtiva e de sua função no domínio teórico ou cognitivo. Pois, se analisamos o desenvolvimento de Kant nos anos 1770, constatamos logo que nas reflexões agrupadas no *Duisburgscher Nachlaß*, portanto por volta de 1775, a imaginação não cumpre nenhuma função neste contexto. Ou seja, que a imaginação cumpre uma função decisiva no domínio cognitivo e, mais, que se requer para tanto até mesmo uma imaginação produtiva, isto é uma aquisição decisiva da filosofia transcendental feita entre 1775 e 1781. Ora, como já mencionado, a tradução alemã do ensaio de Gerard sobre o gênio foi publicada em 1776; e já em 1777 encontramos menção expressa da mesma num livro de Tetens que, como é bem conhecido, foi usado por Kant no período de elaboração da *Crítica da razão pura*. Aquela observação sobre Gerard lavrada pelo próprio punho de Kant foi datada por Adickes entre 1776 e 1778, e também a passagem citada por último parece remontar, como será detalhado abaixo, a uma lição proferida o mais tardar em 1781. Tudo indica, portanto, que Kant leu o ensaio de Gerard sobre o gênio nalgum momento entre 1776 e 1781; provavelmente depois de 1778, pela razão acima aventada.

Antes de nos ocuparmos mais detalhadamente da concepção de Gerard de uma imaginação ativa (*active imagination*), recomenda-se uma avaliação filológica da passagem que estabelece uma relação expressa entre Gerard e a imaginação produtiva. Como dito, ela se encontra numa transcrição feita por um ouvinte da lição de Kant sobre antropologia, a qual foi publicada já em 1831 por Starke (*alias* Johann Adam Bergk) sob o título *Immanuel Kants Menschenkunde oder philosophische Anthropologie*. Em relação à datação da lição correspondente à transcrição usada por Starke, houve diversas sugestões:

em 1882 Benno Erdmann sugeriu o semestre de inverno 1773/4; em 1894 Arthur Apitzsch aventou o semestre de inverno 1777/8; em 1899 Paul Menzer sugere “por volta de 1784”; em 1901 Otto Schlapp considera como data “o mais tardar inverno de 1783/84”; e finalmente, em 1911, também Erich Adickes se manifestou a respeito, acreditando igualmente que a lição foi proferida “o mais tardar no inverno de 1783/84”.

A incerteza em relação à datação tampouco foi desfeita depois de se descobrir um manuscrito quase idêntico ao texto trazido por Starke (na edição da academia, este manuscrito é designado pelo local onde foi achado: Petersburg/Leningrad), pois se trata de uma transcrição igualmente não datada. Os editores das lições sobre antropologia no volume 25 da edição da academia, a saber, Reinhard Brandt e Werner Stark, propõem o semestre de inverno de 1781/2, portanto a primeira lição sobre antropologia proferida por Kant após o lançamento da *Crítica da razão pura*. Baseiam-se para tanto em certas expressões que ocorrem pela primeira vez nesta obra de 1781, apontando, por exemplo, para a circunstância de que Kant “até emprega e define um termo específico do arsenal da filosofia crítica: ‘a apercepção ou a consciência de si mesmo’.” (V-Anth, AA 25: CXIII). Com este propósito de mostrar que a transcrição reflete uma lição posterior à publicação da primeira *Crítica*, os editores minimizam a importância da relação expressamente estabelecida por Kant entre seu conceito de imaginação produtiva e a teoria do gênio de Gerard, deixando-a de lado com a observação: “Igualmente importante é a ocorrência de ‘imaginação produtiva’, sem precedente em fonte literária” (V-Anth, AA 25: CXIII nota). Este procedimento é reforçado quando, diretamente na passagem em questão, observam que a expressão ‘imaginação produtiva’ não se encontra em Gerard (cf. V-Anth, AA 25: 945). É bem verdade que isto confere literalmente, tanto no original, em que se trata amplamente de uma ‘*active imagination*’, mas jamais ocorre a expressão ‘*productive imagination*’, quanto na tradução de Garve, em que a expressão mais próxima é ‘*thätige Einbildungskraft*’ (imaginação ativa). Mas, embora isto seja correto se se ficar no aspecto externo das expressões empregadas, o procedimento dos editores acaba por apagar uma questão decisiva, a saber, em que medida a concepção kantiana de uma imaginação produtiva pode ter sido inspirada ou mesmo influenciada pela concepção de Gerard de uma imaginação ativa. E em investigações filosóficas se deveria prestar mais atenção aos conceitos do que às palavras.

Voltando-nos então para o *Ensaio sobre o gênio* de Gerard, encontramos uma detalhada análise de uma imaginação fértil e produtiva como pressuposto do gênio. Gerard entende a imaginação na linha do empirismo inglês, sendo particularmente marcante a presença da concepção naturalista humeana das faculdades da mente humana, em cuja esteira a imaginação se destaca como força de associar diversas ideias segundo certas leis da natureza humana. Gerard se situa, portanto, dentro da tradição inglesa do associacionismo, que ele explora no intuito de explicar o que é o gênio. Entre as manifestações da imaginação como faculdade da associação das ideias, ele identifica particularmente o gênio: “Neste efeito da imaginação, a associação de ideias, encontraremos também, numa investigação mais precisa, a origem do gênio.” (Gerard, 1776, p. 56).

Na tradição associacionista, a imaginação constitui uma capacidade de associação compartilhada por todos os homens. Mas nem todos os homens são dotados de gênio. Por conseguinte, não é de qualquer imaginação que brota o gênio, mas tão somente daquela particularmente apta à invenção: “O gênio requer um vigor excepcional da força associativa das ideias. E, para produzir a esta, a imaginação tem de ser de grande extensão, regular e ativa” (Gerard, 1776, p. 56).² Na sequência, então, estes três momentos são tratados em detalhe no texto de Gerard. Assim, a extensão da imaginação constitui como que o reservatório do qual o inventor se pode valer em profusão. Uma imaginação limitada não junta nem associa ideias em quantidade suficiente, enquanto uma imaginação extensiva o faz em extensão ampla, colocando assim à disposição do processo criativo a necessária riqueza de ideias: “Assim surge do vigor e da extensão da associação de ideias, e segundo o grau da mesma, a fertilidade ilimitada, esta riqueza inesgotável, que não é só um adjuvante necessário, mas um componente essencial do gênio.” (Gerard, 1776, p. 59).

Ainda que a fertilidade da imaginação cumpra para Kant um grande papel em outros contextos, interessa-nos aqui particularmente sua atividade, ou o que Gerard entende como tal. Um tratamento exaustivo das semelhanças e dessemelhanças das concepções de Gerard e Kant acerca da imaginação e de suas funções deveria ademais fazer uma análise detalhada daquilo que Gerard caracteriza como regularidade da imaginação, pois constitui justamente o aporte decisivo de Kant ter compreendido e mostrado que nossas mais triviais realizações cognitivas

² No original inglês: “It requires a peculiar vigour of association. In order to produce it, the imagination must be comprehensive, regular, and active.” (Gerard, 1774, p. 41).

pressupõem já uma imaginação atuando sob regras. Uma amostra deve bastar aqui para apontar para as possíveis conexões:

O gênio requer, em segundo lugar, tanto regularidade quanto riqueza da imaginação. Esta regularidade surge em sua maior parte de uma direção tal da imaginação, que ela não só traz para o ânimo ideias adequadas através da associação, mas sempre também coloca cada uma das mesmas em ligação com o plano total e a intenção da obra. Dificilmente será outra coisa senão regular e correta a imaginação daquele que tem permanentemente diante dos olhos a intenção, e cujas ideias são ligadas umas às outras da maneira mais forte através desta relação do meio com o fim. (Gerard, 1776, p. 62)³

Prestando bem atenção, fica claro que Gerard está articulando a compreensão de um tipo de regularidade que seria muito importante para Kant na fase final do desenvolvimento de seu sistema, a saber, a finalidade ou conformidade a fins. Acrescentando ainda que Gerard vê nesta apreciação da adequação das representações a um todo projetado uma das funções mais importantes de nossa faculdade do juízo, está claro também que há muito ainda por descobrir nesta direção.

Para não extrapolar demais, entretanto, os limites da investigação acima propostos, a investigação deverá no que se segue concentrar-se no momento da atividade da imaginação, como possível precursor da concepção kantiana de uma imaginação produtiva. Como dito, para Gerard nem toda imaginação é suficientemente poderosa para propiciar gênio; este pressupõe uma imaginação extensiva (*comprehensive*), regular (*regular*) e ativa (*active*): “O gênio requer, em terceiro lugar, ainda a atividade e vivacidade da imaginação.” (Gerard, 1776, p. 75).⁴ Se a fertilidade da imaginação consiste na capacidade de colecionar e associar ideias em grande extensão, no que consiste então sua atividade? Operando com esquemas kantianos, poder-se-ia dizer: a atividade da imaginação consiste para Gerard em conduzir sua fertilidade com regularidade; quer dizer, diferente de uma imaginação fértil, mas selvagem, através do momento de sua atividade a imaginação se mantém fértil sob o signo de uma ideia ou plano, intenção, projeto. Em virtude de sua atividade, a imaginação “é facilmente posta em movimento por cada ocasião e se mantém bastante tempo em sua atuação. Ela não cessa de trazer mais e mais ideias para a alma, dispondo as que produziu sempre de novo em outras perspectivas e perseguindo-as por todas as conexões e

³ E logo adiante: “Esta constante consideração do fim último naturalmente produz a regularidade da imaginação, quer dizer, a habilidade de evitar representações supérfluas ou que não pertencem ao assunto” (Gerard, 1776, p. 63).

⁴ Aqui, aliás, temos um bom exemplo da liberalidade com que Garve procede em sua tradução, pois Gerard fala nesta passagem apenas de “activity of imagination” (Gerard, 1774, p. 57).

consequências possíveis – tudo isto para facilitar o juízo sobre a adequação e utilidade das mesmas para o nosso propósito.” (Gerard, 1776, p. 75-6). O momento da atividade da imaginação não se refere, portanto, em Gerard a uma ocupação qualquer desta faculdade, por exemplo, um associar selvagem e arbitrário, mas apenas àquela sua atuação pela qual as ideias são tomadas e apreciadas tendo em vista sua adequação a um ou outro todo que se possa pretender executar.

Tal como a fertilidade, também a atividade da imaginação como uma capacidade é um dom natural, escondido nas profundezas da natureza humana; mas esta atividade é inteiramente regulada pela relação com uma ideia principal que se projeta e se mantém em mente, relação esta que permite uma seleção prévia ou o prévio descarte de ideias respectivamente adequadas ou inadequadas:

Só que também aqui tem de haver uma ideia que sempre acompanha, a saber, a ideia do fim último e do plano da obra. Uma falsa agilidade da imaginação leva rapidamente de uma ideia à outra, entretanto apenas associadas isoladamente e nunca no todo. O verdadeiro gênio tem um ponto de vista firme, para o qual aponta seu curso; ele certamente sempre está em movimento, sempre ocupado na produção de novas ideias, mas não retém senão as corretas e verdadeiras. Ele se mostra justamente incansável ao buscar, mesmo após centenas de ideias que não correspondem à sua intenção, sempre ainda novas ideias e novos arranjos das mesmas, até ter encontrado as perfeitas. (Gerard, 1776, p. 76).

Tendo assim caracterizado o que constitui o momento da atividade da imaginação, Gerard pode finalmente apresentar em resumo sua ideia de que o gênio nasce do solo propício de tal imaginação extensiva, regular e ativa:

Explicamos agora como o gênio surge de uma imaginação vigorosa e perfeita. Por mais que esta capacidade pareça atuar arbitrária e inconstantemente, ainda assim ela se orienta por leis imutáveis. Ela alcançou sua máxima perfeição quando é tanto de extensão tal que nela se reúnem todas as ideias necessárias das diversas partes da natureza quanto também de regularidade tal que pode descartar as ideias inadequadas e escolher as adequadas à intenção, ordenando todas em um plano ou de acordo com um método. Ela é a mãe da invenção e contribui também para o desenvolvimento e o acabamento da mesma. Ela constitui propriamente o que chamamos de gênio nas artes e nas ciências. Só que ela tem de ser acompanhada pela faculdade do juízo e por ela apoiada na descoberta da verdade ou na escolha do belo. De que modo isto acontece, investigaremos agora. (Gerard, 1776, p. 90).⁵

⁵ Ao contrário do que seria de esperar, a faculdade do juízo é tratada mais extensivamente no Ensaio sobre o gênio do que no Ensaio sobre o gosto. Uma razão para tanto pode ser encontrada em longa nota de Gerard (cf. Gerard, 1774, p. 280), segundo a qual o tema teria tido maior atenção em dois

Tanto baste acerca da concepção de uma imaginação ativa em Gerard.⁶ Na última citação já está dito ademais que uma imaginação ativa não só é necessária na arte, mas ainda cumpre um papel importante na ciência; pois sem projeto não surge nada tanto na arte quanto na ciência: “Em toda arte o projetar do plano é uma parte principal da invenção; e na ciência não é de menor importância.” (Gerard, 1776, p. 85). Como o conceito kantiano de uma imaginação produtiva desempenha um papel central particularmente no âmbito teórico, concluo aqui com uma breve incursão pelo que Gerard disse sobre isto.

Kant, como é bem conhecido, limitou o gênio ao âmbito da produção artística. Não assim Gerard, que entende que o gênio é necessário também na ciência: “Gênio é propriamente a capacidade de inventar. Através do gênio um homem é posto em condição de fazer novas descobertas na ciência ou de produzir obras originais da arte.” (Gerard, 1776, p. 9). Se o gênio em geral é a capacidade de inventar, uma ciência sem gênio ficaria limitada à transmissão do já inventado/descoberto e conhecido. Portanto também a ciência só avança lá onde uma imaginação fértil e ativa leva a novas descobertas:

Todas as obras de arte autênticas levam a marca de uma imaginação ardente e brilhante; e, mesmo que em obras das ciências a mesma não seja tão visível, ainda assim se descobre numa investigação mais detalhada que tudo o que nela é original pressupõe a força e vivacidade desta mesma força. (Gerard, 1776, p. 43).

Das três leis de associação da imaginação apresentadas por Gerard, a saber, coexistência, causa/efeito e semelhança, são para ele particularmente atuantes no gênio científico a da coexistência e a da causa/efeito, enquanto o gênio artístico se beneficia mais da semelhança:

Entre todas as diversas relações pelas quais a imaginação é levada a passar de uma ideia a outra, a relação de causa e efeito (da causação) e a da justaposição de várias propriedades em um sujeito (a coexistência) são as mais importantes, as mais essenciais, as que mais levam à descoberta da verdade, e para as quais, por conseguinte, o gênio científico tem a maior propensão e a maior capacidade. (Gerard, 1776, p. 341)

Não se quer com isto insinuar, entretanto, que as reflexões de Kant sobre as categorias da relação comecem com uma leitura de Gerard. Contra isto falaria cronologicamente já o simples fato de que as reflexões

textos lançados entre 1759 e 1774, a saber, *Inquiry into the Human Mind on the Principles of Common Sense*, de Thomas Reid, publicado em 1764, e *Essay on the Nature and Immutability of Truth*, de James Beattie, publicado em 1770.

⁶ A expressão “active imagination” ou, na tradução, “thätige Einbildungskraft” ocorre casualmente só uma vez no texto (cf. Gerard, 1774, p. 71; Gerard, 1776, p. 91).

do *Duisburgscher Nachlaß* tratam essencialmente justo deste ponto. O que falta nestas reflexões de 1775 é, entretanto, um momento que constitui um aspecto central do ensaio de Gerard sobre o gênio publicado em tradução alemã já em 1776, a saber, o papel de uma imaginação ativa na investigação da verdade ou na ciência, na qual é decisiva a capacidade de associar rápida e facilmente ideias de acordo com as relações de coexistência e de causa/efeito. Já a simples suspeita de que Kant poderia ter sido influenciado por Gerard na introdução da imaginação produtiva em suas reflexões sobre filosofia transcendental justificaria uma investigação detalhada do assunto.

O que se pode concluir do acima apresentado é que representa mais do que uma relação meramente externa ou mesmo um equívoco quando Kant, em suas lições sobre antropologia, relaciona Gerard com a imaginação produtiva. Pois, mais do que qualquer outro antes, Gerard enfatizou e explicitou a atividade da imaginação e sua importância tanto na arte quanto também na ciência. De modo que é pouco relevante se a expressão “*productive imagination*” não ocorre em seu texto, visto que no essencial o assunto foi tratado por ele sob a rubrica “*active imagination*” ou “*tätige Einbildungskraft*” (na versão de Garve).

Referências

- GERARD, A. *An essay on genius*. London: Strahan, Cadell & Creech, 1774.
- GERHARD, A. *Versuch über das Genie*. Tradução de Christian Garve. Leipzig: Weidmanns Erben und Reich, 1776.
- GIORDANETTI, P. “Kant e Gerard”, *Rivista di storia della filosofia* 46.4 (1991): 661-699.
- GUYER, P. “Gerard and Kant: Influence and Opposition”, *The Journal of Scottish Philosophy* 9.1 (2011): 59–93.
- KANT, I. *Anthropologie*. Edição de Erich Adickes. AA 15. Berlin: de Gruyter, 1923.
- KANT, I. *Immanuel Kants Menschenkunde oder philosophische Anthropologie*. Edição de Fr. Ch. Starke [alias Johann Adam Bergk]. Leipzig: E. E. A., 1831.
- KANT, I. *Vorlesungen zur Anthropologie*. Edição de Reinhard Brandt e Werner Stark. AA 25. Berlin: de Gruyter, 1997.
- MENZER, P. *Kants Ästhetik in ihrer Entwicklung*. Berlin: Akademie Verlag, 1952.
- TETENS, J. N. *Philosophische Versuche über die menschliche Natur*. Leipzig: Weidmanns Erben und Reich, 1777.

Resumo: O filósofo escocês Alexander Gerard foi quase que inteiramente esquecido pela história da filosofia. Mas na época em que Kant estava desenvolvendo sua filosofia crítica, particularmente nos anos 1770, Gerard era um autor bastante popular, tendo seus principais escritos traduzidos inclusive para o alemão. Kant o menciona algumas vezes nas lições sobre antropologia, permitindo assim documentar sua leitura. Este artigo procura mostrar a influência de Gerard sobre Kant na concepção de uma imaginação ativa, peça central da filosofia transcendental kantiana.

Palavras-chave: Imaginação. Gênio. Gerard. Kant.

Abstract: Alexander Gerard, a schottish philosopher, is nowadays almost forgotten, but at the time of Kant's philosophical development he was a very popular author and his works were translated to german. Kant mentioned Gerard sometimes in his lectures on anthropology, particularly about genius and imagination. A near analysis and comparing of their conception of genius and imagination shows a significant influence of Gerard on Kant. Purpose of this paper is to analyse this influence in the particular case of imagination and active imagination.

Keywords: Imagination. Genius. Gerard. Kant.

Recebido em 12/03/16; aprovado em 7/04/16.